

Germana Henriques Pereira de Sousa
Alice Maria de Araújo Ferreira
Sabine Gorovitz

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

ENSAIOS DE TEORIA E PRÁTICA DE TRADUÇÃO



EDITORA

UnB

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

**ENSAIOS DE TEORIA E
PRÁTICA DE TRADUÇÃO**



Fundação Universidade de Brasília

Reitor Ivan Marques de Toledo Camargo
Vice-Reitora Sônia Nair Bão

EDITORA



UnB

Diretora Ana Maria Fernandes

Conselho Editorial Ana Maria Fernandes – Pres .
Ana Valéria Machado Mendonça
Eduardo Tadeu Vieira
Fernando Jorge Rodrigues Neves
Francisco Claudio Sampaio de Menezes
Marcus Mota
Neide Aparecida Gomes
Peter Bakuzis
Sylvia Ficher
Wilson Trajano Filho
Wivian Weller

LOQUUNTUR
TOBOPITB
S
PARLAKD
ERBLAR
SIARAD
K
ANGANGGO
SPRECHEN
DANIŞMAQ
A P
KAZALIB
PAGSULTI
PRAAT

A TRADUÇÃO NA SALA DE AULA

ENSAIOS DE TEORIA E PRÁTICA DE TRADUÇÃO

KO
SN
BICAR
U
A
M
R
O



Equipe Editorial

Gerência de produção editorial

Marcus Polo Rocha Duarte

Revisão

Beth Nardelli e Fernanda Gomes (Njobs Comunicação)

Capa e diagramação

Inara Vieira e Daniela Rodrigues (Njobs Comunicação)

Supervisão gráfica

Elmano Rodrigues Pinheiro e Luiz A. R. Ribeiro

Copyright © 2013 by

Editora Universidade de Brasília

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,

2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Fax (61) 3035-4230

Site: www.editora.unb.br

E mail: contato@editora.unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Sumário

Capítulo 1 - Espanhol, uma língua homogênea?17

Alba Escalante

- 1.1 Sobre a unidade e diversidade: um discurso sustentado em políticas linguísticas22
- 1.2 Unidade/diversidade: algumas vozes24
- 1.3 O que fazer ante o desencontro?28

Capítulo 2 - Ensino de Tradução Jurídica33

Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Capítulo 3 - Existem dicionários de tudo e o tradutor sabe disso!?!?55

Alice Maria de Araújo Ferreira

- 3.1 O dicionário metáfora de um mundo fragmentado!.....58
- 3.2 Tudo entra na forma dicionário, por isso, existem dicionários de tudo!60
- 3.3 Agora, falando sério! Os dicionários bilíngues e/ou interlinguísticos.....68
- 3.4 Para concluir o inacabado...71

Capítulo 4 - Traduzir: aspectos metodológicos e didáticos no ensino da tradução.....73

Ana Helena Rossi

- 4.1 Diário de tradução: ferramenta para refletir sobre o processo de tradução76

Capítulo 5 - As relações perigosas na tradução.....91

Germana H. P. de Sousa

- 5.1 Les *liaisons dangereuses*, a obra e sua recepção na França 94
- 5.2 A análise de Rónai sobre as traduções feitas no Brasil.....105

5.3 Considerações finais.....	113
Anexos.....	116
Capítulo 6 - A “tradução transparente” como sensibilização à intercompreensão das línguas românicas	117
<i>Jean-Claude Miroir</i>	
6.1 A tradução transparente	119
6.2 A intercompreensão entre as línguas românicas: português – francês	127
6.3 A aquisição do léxico como processo de tradução transparente	132
6.4 Considerações finais.....	136
Capítulo 7 - Ensino de tradução: algumas reflexões sobre a prática de tradução no par espanhol-português	141
<i>Júlio Cesar Neves Monteiro</i>	
Capítulo 8 - Os dilemas do tradutor jurídico diante do texto que se detona	153
<i>Mark Ridd</i>	
Capítulo 9 - Projeto final de curso de tradução.....	169
<i>Sabine Gorovitz</i>	
9.1 O pré-traduzir	172
9.2 O traduzir	181
9.3 O pós-traduzir	188
9.4 A questão formal do trabalho acadêmico.....	191
9.5 Considerações finais.....	197
Referências	198
Capítulo 10 - Tradução intersemiótica: uma prática possível e eficaz nos cursos de tradução	199
<i>Prof. Dr^a. Soraya Ferreira Alves</i>	

CAPÍTULO 7

**ENSINO DE TRADUÇÃO: ALGUMAS
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DE
TRADUÇÃO NO PAR ESPANHOL-PORTUGUÊS**

Júlio Cesar Neves Monteiro

Ensino de tradução: algumas reflexões sobre a prática de tradução no par espanhol-português

Júlio Cesar Neves Monteiro

Ensinar tradução no par espanhol-português em nível universitário de graduação compreende, de modo geral, os mesmos desafios de ensinar tradução em qualquer par de línguas que se possa considerar. Naturalmente, para cada par de línguas analisado, surgirão algumas especificidades; não é diferente quando se fala da tradução do espanhol para o português. Nesse tipo de tradução, o que normalmente se apresenta como primeiro elemento é a comparação estrutural das duas línguas. Como são duas línguas que apresentam profundas semelhanças do ponto de vista sintático, morfológico e lexical, é inegável que exista um alto grau de transparência.

Traduzir do espanhol para o português, porém, não é um processo mais simples por causa dessa transparência, e os alunos percebem isso. Logo surgem outras questões, apontadas por eles mesmos e, em certa medida, suscitadas pelo senso comum, tais como a linguagem especializada, o uso de dicionários, glossários e memórias de tradução. Abordarei essas e outras questões mais adiante.

Um ponto importante dessa reflexão: é possível ensinar tradução? Nesse caso, o que e quanto se pode ensinar em sala de aula? O professor de prática de tradução pode ensinar os alunos a utilizar os meios dos quais dispõe um tradutor para a execução do seu trabalho. Deve, principalmente, desenvolver nos alunos a capacidade de argumentação, a capacidade de defender as escolhas que fez, ou seja, fazer com que o aprendiz supere os

limites do fazer intuitivo e defenda, de modo coerente e embasado em reflexão teórica, o resultado de seu trabalho.

A função do professor é trabalhar textos, apontar caminhos, fazer sugestões. O professor de prática de tradução não ensina passo a passo o que se deve fazer diante do texto a ser traduzido, até porque não há uma sequência de passos (ou procedimentos, ou estratégias, ou como queiram chamar os teóricos) definida e que se deva observar rigidamente. Ele é, de certo modo, um crítico de traduções. Opina, dá sugestões, aponta erros e inconsistências. O que diferencia o professor do crítico é que aquele acompanha a elaboração da tradução e, diferentemente deste, ajuda a resolver os problemas que a tradução possa apresentar.

Será verdade, então, o que reza o velho ditado segundo o qual “El traductor nace, no se hace”? Como defensor da formação universitária do tradutor, não posso concordar com o ditado, pelo menos não de forma absoluta. Não tenho meios de afirmar que o tradutor *nace*, mas posso argumentar que há, sim, aptidões a serem trabalhadas em sala de aula. Nossos alunos têm aptidões diferentes; alguns, inclusive, dar-se-ão conta de que suas aptidões os levam a caminhos diferentes dos da tradução e desistirão ao longo do curso. Os que concluírem o curso chegarão, ao final de sua formação, a estágios diferentes de competência.

O tradutor *se hace*, então? Eu diria que sim, e esse processo começa na formação universitária e continua ao longo de toda a vida profissional. Parte do fazer-se tradutor tem seu *locus* privilegiado na sala de aula, onde a experimentação e as discussões preparam o caminho futuro, e aqui entra o professor, que *ajuda a fazer* o tradutor nessa etapa. Outra parte do fazer-se tradutor reside na experiência, no acúmulo de práticas laborais reais. Em sala de aula de prática de tradução e na vida profissional, vale o expresso por outro ditado: “practice makes perfect”.

Nada diferente, portanto, da formação de qualquer profissional. O tradutor não é nem um predestinado nem um

molde vazio. O aluno de tradução pode ter mais ou menos aptidões e pode receber uma formação profissional que lhe dê mais ou menos qualificação para o desempenho futuro da profissão.

A fim de esclarecer alguns dos comentários acima e para fazer outras observações, julgo ser pertinente a descrição das rotinas da aula de prática de tradução espanhol-português. Usarei, a título de exemplo e para ilustrar alguns pontos específicos, excertos do texto *Balace preliminar de las economías de América Latina y el Caribe 2010 – Resumen* utilizado com alunos da disciplina Prática de tradução de textos econômicos espanhol-português ministrada no curso de Tradução Espanhol-Português da Universidade de Brasília.

O texto mencionado é um documento produzido pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), tem cerca de 8 mil caracteres e não sofreu nenhuma adaptação. A escolha do texto pelo professor foi motivada pela presença de termos próprios da macroeconomia (um dos elementos a serem cobertos na disciplina, segundo a ementa) e pela possibilidade de se utilizar o texto por inteiro. Também houve a possibilidade de cotejar as traduções propostas pelos alunos com a tradução realizada para o português pela própria Cepal.

A aula de prática de tradução começa na seleção de textos. Quais são os critérios de escolha de textos para essa aula? É recomendável escolher textos reais, não adaptados, os quais devem refletir o conteúdo previsto na ementa da disciplina e também o tipo com que os alunos terão contato no mercado de trabalho. Naturalmente, a partir do momento em que é levado para sala de aula, esse texto ao qual chamamos real passa a funcionar como elemento didático, o que implica uma série de decisões a serem tomadas pelo professor para que tal texto atinja, na sala de aula, os objetivos pedagógicos previamente estabelecidos.

Uma decorrência natural do uso do texto real como material didático é a necessidade de se arbitrar as condições para a produção da tradução desse texto. É preciso estabelecer algumas

condições para que os alunos produzam uma tradução funcional, o que exige pensar em um cliente com um perfil definido que possa ter encomendado a tradução, pensar nos leitores que fariam uso dessa tradução e imaginar o contexto em que ela seria divulgada e recebida. Tudo isso mais a questão linguística e mais as questões que se apresentarem ao longo do trabalho e que não foram previstas pelo professor quando da preparação de sua aula (mas que certamente surgirão).

Como parte do tratamento do texto em sala de aula, é importante também fazer a discussão, com os alunos, das condições de produção, distribuição e consumo do texto a ser traduzido em seu contexto de origem. Isso significa, por exemplo, averiguar se quem produziu o texto foi um indivíduo ou uma instituição, uma vez que produzir um texto que reflete sua própria voz como sujeito histórico acarreta escolhas que divergem em graus variados daquelas presentes em um texto produzido por um indivíduo ou uma equipe para dar voz aos interesses e objetivos de uma instituição. Em princípio, a tradução deveria seguir o mesmo *tom* do texto original, salvo circunstâncias radicalmente diferentes no contexto de chegada.

A questão dos meios de distribuição do texto também é relevante para a discussão em sala de aula e para a tomada de decisões por parte do tradutor-aprendiz. Saber se o texto é um livro ou capítulo de livro, se foi publicado em periódico, se sua divulgação se dá por meio impresso ou digital, ou por ambos, é informação que pode interferir de modo significativo na abordagem do texto a ser traduzido.

O texto utilizado para ilustrar os argumentos apresentados neste capítulo foi distribuído de duas formas: por via impressa e por via digital. Existem três versões do texto: em inglês, em espanhol e em português. A tradução dos alunos para o português, partindo do texto em espanhol, foi pensada como possível alternativa para o texto em português disponível no site da Cepal.

Há, também, que se verificar com que objetivos o texto foi produzido e qual público deveria atingir. O texto traduzido pode ter objetivos e público diversos na comunidade de chegada. No caso dos textos trabalhados na disciplina de prática de tradução de textos econômicos, o público estimado pode ser composto por leitores de jornais especializados, economistas ou estudantes de economia.

O texto da Comissão, em sua versão *on-line*, provavelmente atinge mais o público especializado na área, embora seu fácil acesso possa também atrair leitores não especialistas que simplesmente queiram se inteirar mais das questões atinentes ao órgão. O fato de o texto estar disponível em três idiomas dá dimensão do alcance pretendido pela instituição. Cabe lembrar que o professor comunicou o uso acadêmico do texto à Cepal e que, como parte da montagem do provável cenário de distribuição e consumo da tradução dos alunos, foi combinado que o texto resultante seria enviado à Cepal, para conhecimento e possível análise.

A discussão dos elementos elencados anteriormente permite a abordagem de questões ideológicas e práticas e é um passo para a discussão sobre o futuro papel dos alunos como tradutores, um lembrete de suas responsabilidades profissionais e de seu papel como agentes transformadores da sociedade.

A extensão do texto varia de acordo com os objetivos do professor. Um texto mais curto, sobretudo na etapa inicial da disciplina, permite ao aluno percebê-lo como uma tarefa factível, pois dá ao aluno a oportunidade de fazer um levantamento mais rápido de suas prováveis dificuldades e o ajuda a começar a perceber a relação entre extensão do texto, grau de dificuldade (que, na verdade, independe da extensão do texto) e o tempo a ser gasto na tradução. Um texto mais extenso, em etapas posteriores, tem a vantagem de expor o aluno a uma quantidade maior de texto a ser traduzido em um prazo igual, ligeiramente superior ou, em alguns casos, até inferior ao prazo dado para a tradução

de textos de menor extensão. O texto da Cepal trabalhado com os alunos possui extensão média-longa, considerando a carga horária da disciplina (quatro horas-aula semanais).

No caso de um texto de uma área específica, o aluno tende a acreditar que deve se tornar um especialista da área. A prática em sala de aula o faz perceber que ele deve dominar as ferramentas que levem ao bom uso do vocabulário específico de cada área, e saiba que dicionários e glossários, quando utilizados corretamente, são de grande valia. Cada vez mais, é possível contar com o auxílio da internet para fazer uma varredura de textos semelhantes aos que o aluno tem que traduzir, o que reduz em muito a angústia da ausência, em seu repertório linguístico, do vocabulário especializado. Do mesmo modo, as memórias de tradução são recurso valiosíssimo para cortar caminho no cipal técnico.

Outros dados, porém, vão surgindo com bastante força: a prática faz com que o aluno perceba que o conhecimento das línguas com as quais trabalha é essencial para o sucesso de qualquer tarefa de tradução. Mais ainda: a prática de tradução deve levar à reflexão linguística, ao melhor desempenho possível em seu próprio idioma (o que, dito em sala, ainda costuma espantar os alunos, que creem que seu sucesso depende do bom domínio da língua estrangeira, uma vez que já *dominam* a sua própria, não restando mais nada a aprender dela). Por fim, o aluno percebe que o texto não é inerte, que é social, cultural e ideologicamente motivado, e que a observação desses aspectos é fundamental para a realização de uma tradução eficaz.

Até aqui, o que foi dito poderia ser aplicado a qualquer situação de prática de tradução, independentemente do par linguístico. Consideremos, agora, algumas situações no par espanhol-português que podem lançar luz sobre as rotinas de ensino de tradução. Seguem alguns exemplos de questões que surgiram na tradução do texto da Cepal.

Exemplo de estrutura diversa:

Con todo, es difícil que la situación planteada pueda corregirse de manera duradera, sin una mayor coordinación a nivel internacional de estrategias que contribuyan a cerrar los desequilibrios globales, lo que, sin embargo, parece un objetivo bastante lejano.

Em que *pueda corregirse* tem, como tradução mais adequada, *possa ser corrigida*. O aluno deve perceber que, embora estrutura semelhante à do espanhol exista em português, as diferentes formas de voz passiva apresentam, nas duas línguas, uso distinto. É tarefa do tradutor eliminar as marcas que provoquem ruído, que deixem transparecer decalques sintáticos ou lexicais em sua tradução. Essa é uma tarefa mais sutil quando se trabalha nesse par específico de línguas e, por isso mesmo, deve merecer atenção redobrada do aluno e do professor.

Exemplo de transparência de vocabulário técnico:¹

La mayor parte de los países de Centroamérica y el Caribe, en cambio, volvió a sufrir un impacto negativo con pérdidas netas debido al alza de los valores de sus importaciones, lo que agravó situaciones previas de los balances externos. Estos efectos negativos se vieron parcialmente contrarrestados por cierta recuperación del turismo y de las remesas enviadas desde los países desarrollados por los trabajadores emigrados.

No obstante, diversos factores comenzaron a configurar, a partir del segundo semestre de 2010, un escenario menos optimista en la economía internacional que,

¹ Aquí, apresenta-se o trecho em língua espanhola seguido da tradução proposta por aluno em sala de aula, reproduzida com sua autorização.

sumado a la disminución del impulso proveniente del gasto público y al agotamiento de la capacidad productiva ociosa, augura un menor dinamismo de las economías de América Latina y el Caribe en 2011. La CEPAL proyecta que la tasa de crecimiento de la región disminuirá al 4,2% en 2011, alrededor del 3% de crecimiento del PIB por habitante.

A maioria dos países da América Central e do Caribe, no entanto, voltou a sofrer um impacto negativo com perdas líquidas devido ao aumento dos valores de suas importações, agravando assim a situação anterior dos saldos externos. Esses efeitos negativos foram parcialmente compensados pela recuperação do turismo e por trabalhadores emigrantes que voltaram de países desenvolvidos.

Entretanto, diversos fatores começaram a definir, a partir do segundo semestre de 2010, um cenário menos otimista na economia internacional que, junto à diminuição do impulso proveniente de gastos públicos e o esgotamento da capacidade produtiva ociosa, espera um crescimento mais lento nas economias da América Latina e do Caribe em 2011. A Cepal espera que a taxa de crescimento da região diminuirá 4,2% em 2011, em torno de 3% de crescimento do PIB por habitante.

O exemplo acima mostra que, para a tradução de textos econômicos no par espanhol-português, o vocabulário técnico costuma ser transparente, com a presença dos mesmos vocábulos em ambas as línguas (com as devidas adequações à representação ortográfica de cada idioma). Permanecem no texto do aluno, porém, equívocos de interpretação do texto original. Note-se que o aluno, em vez de escrever em seu texto que as divisas são

enviadas dos países desenvolvidos por trabalhadores emigrados de países menos desenvolvidos, afirma que *os trabalhadores emigrantes [que] voltaram de países desenvolvidos*. É bem provável que, nesse caso, o tempo despendido na consulta aos termos técnicos tenha suplantado o tempo gasto na reflexão sobre o texto como um todo.

O exame da prática de tradução no par espanhol-português parece indicar, pelo menos em uma análise preliminar, que as questões tradicionalmente apontadas como fonte das dificuldades dos aprendizes, como os termos técnicos e usos especializados de língua, são de fato barreiras a serem superadas, mas carecem da magnitude que se atribui a elas. O que cabe investigar é que papel essas questões efetivamente desempenham no sucesso ou insucesso do aprendiz e o peso que o professor de prática de tradução dará a elas em suas aulas. O que foi apresentado ao longo deste capítulo aponta para a necessidade de resistir à atenção excessiva aos aspectos lexicais e centrar esforços na preparação de tradutores capazes de refletir criticamente sobre as línguas com as quais trabalham, para o uso social dos textos que traduzem e para seu papel como ser historicamente situado. Bem ou mal, com maior ou menor sacrifício, pode-se sempre chegar aos termos técnicos necessários para a tradução de um texto. Mais difícil é prescindir do local privilegiado de experimentação, de discussão, que é a sala de aula de prática de tradução.

A obra que ora apresentamos, *A tradução na sala de aula: ensaios de teoria e prática de tradução*, é resultado da experiência em salas de aula do Curso de Bacharelado em Letras-Tradução, situado no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução/Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, cujo percurso acadêmico perfaz trinta e um anos. Essa rica experiência na formação profissional de tradutores, em um dos cursos pioneiros do Brasil neste campo, serve-nos de referência e embasamento para as *lições* que aqui descrevemos. Falamos em *lições* e *sala de aula*, palavras cujos conceitos foram amplamente estendidos graças às novas tecnologias de comunicação ligadas ao ensino, porque este se quer um manual para o aluno dos cursos de graduação que procura estratégias de abordagens de textos que o preparem para o exercício da tradução, e também pistas para a análise crítica da obra traduzida. Contudo, não se trata apenas disso. O estudante de línguas e literaturas estrangeiras modernas, ou aluno de Letras de um modo geral, ou ainda o aprendiz ou profissional de tradução poderão aqui encontrar alguns caminhos metodológicos para acercarem-se das questões envolvendo a prática e a crítica tradutórias, nos mais diversos âmbitos.

